



**Violência de gênero e sofrimento psíquico feminino: uma análise psicanalítica do livro
“Tudo é rio” de Carla Madeira**
Lígia Vaz Pol

**Violência de gênero e sofrimento psíquico feminino: uma análise psicanalítica do
livro “Tudo é rio” de Carla Madeira**

Lígia Vaz Pol

Projeto de monografia apresentado à
Faculdade de Psicologia do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB como
requisito parcial à conclusão do curso de
Psicologia.

Professora-orientadora: Me. Lívia Campos e
Silva

Brasília
2024

Lígia Vaz Pol

**Violência de gênero e sofrimento psíquico feminino: uma análise psicanalítica do livro
“Tudo é rio” de Carla Madeira**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências, Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, no curso de Psicologia.

Professora-orientadora: Me. Livia Campos e Silva

Brasília, 2024

Banca examinadora

Me. Livia Campos e Silva
(Orientadora)

Ana Carolina Menezes
(Parecerista)

Dr. Guilherme Henderson
(Convidado)

iv

“Na hora da minha morte
estarão ao meu lado mais homens
infinitamente mais homens que mulheres.
E um deles dirá um poema sinistro
a jeito de balada em tom menor...”

Tem tanto medo da terra
a moça que hoje se enterra.
Fez poema, fez soneto
muito mais meu do que dela.
Lá, lá, ri, lá, lá, lá, lá.”

“Aflição de ser eu e não ser outra.
Aflição de não ser, amor, aquela
Que muitas filhas te deu, casou donzela
E à noite se prepara e se adivinha
Objeto de amor, atenta e bela.”

Hilda Hilst. *Balada do Festival (1955) e Roteiro do Silêncio (1959).*

“Aqui, nesta mina cavernosa, olho o que já passou
O caminho atrás de mim já não tem começo
Mas sei onde estou, sei o que carrego
E com a picareta em mãos, desvendo o que me aguarda
Não mais forçarei meu ser a caber onde não pertencço
Nem calçarei o sapato que me aperta
Hoje, escolho a mim, aos meus pés e aos meus calos
Mas desta vez, não me calarei.”

Bianca Pimentel, minha amada amiga (2024)

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe e ao meu pai, Flávia e Leonardo, dois professores excepcionais, por todo o amor, zelo e carinho que me deram desde o berço. Obrigada por se mobilizarem em direção às minhas aspirações e por me ensinarem, todos os dias, a importância do estudo e da dedicação. Com vocês aprendi a colocar amor em tudo o que faço. Obrigada aos meus irmãos, Avner, Débora e João, por serem alegria e leveza na minha rotina. À minha tia, Luciana, pelo carinho e apoio sempre que precisei. E à minha avó, Maria Geci, por me inspirar em incontáveis sentidos. Eu os amo muito.

Agradeço a todos os meus professores e orientadores pelo conhecimento transmitido durante a graduação. Obrigada pela paciência e atenção com cada aula e orientação. Admiro muito a paixão que cada um possui pela profissão de lecionar. Agradeço à minha orientadora, Livia Campos, por me guiar na execução deste trabalho com toda a sua disposição, tempo e atenção. Meu encantamento pela psicanálise nasceu a partir das suas aulas.

Também, gostaria de agradecer a uma das pessoas mais especiais em minha vida, Áurea Oliveira, por ter me apresentado a potência da Literatura e da Psicologia. Obrigada por cada contação de história antes de dormir, por todas as conversas com pipoca de manjerição, pelas viagens de carro à praia, por apoiar todos os meus sonhos e, acima de tudo, por ser minha amiga.

Por último, gostaria de agradecer a um grande amor em minha vida, Cristiano Moutella, por todo afeto e suporte que recebi durante essa etapa final. Sou incrivelmente grata pelos nossos caminhos terem se cruzado e pela alegria que é te amar. Também, agradeço aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado e aos que fiz durante a minha caminhada na graduação. Especialmente, agradeço ao meu melhor amigo, Henrique Paiva, que me apresentou a autora que inspirou esse trabalho. Obrigada pelas conversas até adormecer, pelas tardes no cinema, pelos livros roubados e por toda a luz que representa em minha vida. Obrigada por ser a minha pessoa.

Resumo

O presente trabalho em psicanálise buscou analisar a obra literária “Tudo é Rio”, romance escrito por Carla Madeira, através das articulações possíveis entre a temática da violência e as questões de gênero que permeiam a experiência das mulheres dentro das relações amorosas. Ao refletir sobre o tema, foi explorada a vivência do luto materno, do desamparo frente à desilusão amorosa diante da violência e do mundo simbólico da mulher em confluência com a vida das personagens dentro da narrativa. Nesse sentido, ao situar o livro no contexto brasileiro, também será posto em análise os significantes que permeiam o meio cultural do país e a leitura que a psicanálise realiza desses fenômenos, a partir dos eixos teóricos lacanianos do mundo simbólico do sujeito frente às representações sociais. Também, será explorada a posição objetual ocupada em relação ao Outro, dentro da hipótese diagnóstica das personagens centrais da história e as suas respectivas demandas de amor.

Palavras-chave: Violência, Gênero, Trauma, Luto, Desamparo.

Abstract

This work in psychoanalysis carried out an analysis of the literary work “Tudo é Rio”, a novel written by Carla Madeira, through the possible articulations between the themes of violence and gender issues that permeate women's experience in romantic relationships. When reflecting on this theme, the present study explored the experience of maternal grief, distress in the presence of violence and the symbolic world of women inside the lives of the characters within the narrative. In this sense, by placing the book in the Brazilian cultural context, the significant that permeate the country's social environment will be analyzed on the Lacanian theoretical axes of the symbolic world and how the subject relates to its social representations. Nonetheless, the position occupied by the object with the Other will be explored within the diagnostic hypothesis of the central characters in the story and their respective demands for love.

Keywords: Violence, Gender, Trauma, Grief, Distress.

Sumário

Introdução.....	9
Método.....	12
Capítulo I: Sobre gênero.....	15
1.1 Os efeitos dos discursos de gênero na subjetividade dos sujeitos.....	15
1.2 As marcas simbólicas do discurso na neurose.....	18
Capítulo II: Sobre violência.....	19
2.1 A inscrição dos efeitos da violência no mundo psíquico.....	20
2.2 O desamparo e o luto da perda do objeto amado.....	22
2.3 Sobre o perdão.....	24
Capítulo III: Resultados e discussões.....	26
3.1 Significados da palavra <i>puta</i>	27
3.2 Posição objetal diante do Outro.....	28
3.3 Mulheres-beatas não são mulheres-putas.....	31
3.4 O sofrimento a partir da violência.....	34
3.5 Perdoar o imperdoável.....	36
Considerações finais.....	39
Referências.....	40

Introdução

A violência de gênero, dentre suas múltiplas modalidades, se define amplamente por uma agressão direcionada às vulnerabilidades decorrentes da identificação de gênero de uma pessoa (Araújo, 2008). Dentro do cenário brasileiro, a violência contra a mulher, que tem se mostrado cada vez mais ascendente, enfatiza a inserção de debates e a formulação de políticas públicas de proteção às vítimas, assim como também busca compreender o fenômeno da violência e as problemáticas de gênero que o atravessam na contemporaneidade.

Sendo a violência também definida como um dispositivo social, para a teoria psicanalítica ela carrega a representação de um excesso pulsional do sujeito. Esse excesso pode ser entendido como um sintoma dentro da estrutura da relação vítima-agressor, capaz de trazer algum nível de satisfação para aquele que a exerce sobre outra pessoa (Silva & Besset, 2010). Como efeito, a ausência de limites implicada na violência levanta um questionamento acerca da relação entre a objetificação da mulher e a conseqüente aniquilação desta como sujeito dentro do contexto violento.

O livro a ser analisado, “Tudo é Rio”, escrito por Carla Madeira, em 2014, é categorizado no gênero literário romance e possui múltiplos personagens ambientados em um espaço específico no qual a história se desenrola. A narrativa é centrada na vida de um casal, Dalva e Venâncio, interpelado por um episódio importante de violência cometido pelo marido contra o próprio filho recém-nascido e sua esposa. A história é composta por outra personagem crucial, Lucy, representada como uma mulher que obtém uma forte satisfação em trabalhar no puteiro da cidade, Casa de Manu, onde vive e esbanja as suas conquistas sexuais. Apesar do livro possuir a centralização no triângulo amoroso, em múltiplos capítulos da obra a autora descreve as relações familiares adjacentes aos personagens principais, traçando importantes percepções dos indivíduos que afetam e são afetados pela relação de Dalva e Venâncio.

De acordo com Todorov (2006), a literatura como uma arte em si, é capaz de representar a complexidade dessas múltiplas vivências que marcam a nossa sociedade, uma vez que possui a linguagem como mediadora das manifestações do sujeito. Assim, o estudo

de uma obra literária, representa tanto um meio de compreensão da própria linguagem e da inscrição do sujeito no mundo, quanto uma estrutura do modelo do discurso que perpassa a possibilidade de múltiplas significações.

A partir de um recorte do cenário brasileiro, a incidência de crimes passionais contra a mulher levanta questões acerca do lugar ocupado pelo feminino e pelas suas representações. Visto que a caracterização do feminicídio necessita do vínculo doméstico ou familiar com o agressor, a investigação implica analisar: como ocorre a organização do sofrimento psíquico na mulher que vive uma relação de afeto com o agressor; como se dá a representação simbólica dessa mulher diante da relação amorosa; quais são as implicações na subjetividade da mulher que ocupa o lugar do objeto amado e odiado ao mesmo tempo; e como se configura o trauma da vivência da violência no psiquismo dessas mulheres.

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública (2023) o crime de feminicídio foi o que mais cresceu no ano de 2023 na região do Distrito Federal, a ponto de dobrar o número em comparação aos dados do ano de 2022. Nesse recorte, a Câmara Legislativa do DF (2023) advertiu a necessidade do compromisso social com a causa, visando atender a população com ferramentas mais eficazes para a compreensão dos agravantes da violência, especialmente em um país onde a visibilidade destas mulheres também é interpelada por uma alienação interseccional de outros fatores, como a cor da pele e a classe social.

Sendo o Brasil um dos países mais notórios acerca de seus índices de violência contra a mulher, é preciso que os estudos acadêmicos estejam constantemente atualizados politicamente. Ler a violência, desta forma, seria entender que sua estrutura também está associada aos debates feministas contemporâneos sobre o que é ser mulher, assim como também lançar luz sobre aspectos econômicos e políticos.

Além disso, os estudos contemporâneos de gênero, dentro da problemática da violência, têm se estendido cada vez mais acerca dos papéis exercidos pelo o que representaria o mundo simbólico binário: masculino ou feminino (Butler, 2003). Tal concepção de performance de papéis, que propõe uma implicação orgânica de possíveis tendências inatas de cada sujeito a partir do gênero que lhe é atribuído ao nascer, é admitida como cientificamente retrógrada diante da organização social desses mesmos papéis. Nesse sentido, a linha de compreensão da organicidade dos gêneros falha em oferecer uma leitura que analise os aspectos históricos e políticos que promoveram a estrutura da sociedade

ocidental, uma vez que é atravessada compulsoriamente pela obrigatoriedade de coerência entre sexo, gênero e desejo.

Como defendido por Caffé (2022), ainda que o feminino ocupe um lugar privilegiado como objeto de estudo na psicanálise, esse espaço possui como referência uma diferença sexual baseada em uma libido falocêntrica. Contudo, as gerações psicanalíticas têm sido fortemente influenciadas pelos debates de gênero da atualidade, trazendo por consequência separações fundamentais acerca da identidade de gênero e do conceito anatômico sexual. Essa transformação, no campo acadêmico, estabelece discussões sobre a sexualidade e o complexo da castração como um conjunto de relações entre elementos contingentes, que vão além da natureza estrutural anatômica do Édipo. Agora, os estudos também se debruçam sobre as funções simbólicas da relação sujeito e objeto, em diálogo com uma perspectiva da função da linguagem na estrutura do inconsciente e os papéis que são capazes de serem representados.

Por fim, o objetivo da presente pesquisa ao analisar a obra literária “Tudo é Rio”, sob a luz da teoria psicanalítica, busca investigar como se dá o sofrimento psíquico da mulher diante da violência dentro de uma relação erótico-amorosa. Assim, por meio da análise da narrativa, o estudo aprofunda a compreensão de como as agressões exercem um papel de anulação do sujeito no campo simbólico, bem como investiga a experiência de ocupar o lugar de objeto de amor e ódio dentro das relações erótico-amorosas e, ainda, analisa a vivência da angústia da mulher na sua demanda de amor dentro do contexto traumático de violência.

Esse trabalho também representa uma aproximação pessoal acerca do tema da violência de gênero que sempre despertou grande interesse no decorrer da minha vida. A dedicação à leitura teórica e psicanalítica do fenômeno, embora tenha sido fortemente investigada para a formulação da análise literária proposta, também possui como objetivo a compreensão das consequências psíquicas advindas da vivência da violência por mulheres no contexto brasileiro. Tal sofrimento, mesmo vivenciado de forma singular para cada uma, é compartilhado nas raízes de suas produções culturais, dentre os discursos que impõem as formas adequadas de ser mulher que, paradoxalmente, demarcam os limites do próprio sofrimento quando não fornece o direito a uma voz ou escuta dessas experiências. Assim, o estudo dessas questões espelha meu desejo profissional e pessoal de promover um

espaço onde a mulher possa discursar e protagonizar a própria narrativa de seu sofrimento como sujeito no mundo.

Método

A pesquisa qualitativa é fundamentada a partir da noção de que a investigação científica pode tomar como referência a construção da subjetividade humana, através da integração dos fenômenos histórico-culturais que a atravessam (Batista, 2004). Assim como proposto por Rey (1998), essa metodologia se sustenta pela via epistemológica de que não há a possibilidade de neutralidade dentro das investigações psicológicas, pois a interação pesquisador-objeto passa obrigatoriamente pela própria subjetividade daquele que se propõe a analisar. Logo, o estudo qualitativo dos fenômenos busca a construção de um sentido através do exercício interpretativo dos fenômenos.

Nesse sentido, segundo Gregolin (2001), um dos meios de investigação dentro da metodologia qualitativa se dá por meio da análise do discurso, definida como o estudo da discursivização, que toma como referência o ponto linguístico. Tendo como origem os estudos realizados na Escola Francesa por Michel Pêcheux acerca do estruturalismo linguístico, a análise do discurso gira em torno da desautomatização do paradigma cognitivista que destitui o sujeito de sua historicidade e põe a língua como um mero órgão mental. A proposta da análise do discurso representa, assim, uma forma revolucionária de deslocar os conceitos biológicos do inatismo humano para uma nova ideologia que se apoia no resgate do sujeito como agente capaz de produzir sentidos dentro do seu discurso por meio da sua relação com a exterioridade (Guerra, 2016).

A análise do discurso, dessa forma, concebe a linguagem como um trabalho simbólico que toma as palavras em prol de um ato social que, por sua vez, é atravessado por reconhecimentos e constituições identitárias que vão além da finalidade comunicativa, podendo, assim, refletir também as relações de poder que determinam a formação discursiva dos indivíduos (Orlandi, 1997). A partir disso, define-se então o discurso como um efeito dos sentidos produzidos entre os locutores, que fazem uso da língua para se constituírem como sujeitos. Como resultado, o sentido é tomado como uma produção que não possui um fim em si mesmo, estabelecido à posteriori da relação com o mundo externo, que se permite

atravessar pelo sujeito falante, pela ideologia carregada por detrás dos significados e da historicidade dos discursos (Canguilhem, 1977).

Ainda, a partir da teoria defendida por Orlandi (1997), ao representar a linguagem como um instrumento compartilhado, também compreende-se que ela carrega consigo a potência de filiar sentidos ideológicos de outros dizeres, que possuem significância na história. Dessa forma, ainda que o sujeito falante possua uma intencionalidade dentro do seu uso individual da linguagem, há um já-dito pressuposto por aquele que recebe a mensagem. Não obstante, na abordagem psicanalítica, a própria relação subjetiva que o sujeito estabelece com a linguagem, que se divide entre o interdiscurso e o intradiscurso, aparta aquilo que é dizível discursivamente das informações já-ditas no pretexto contextual. Sendo assim, a própria operação do inconsciente não seria exclusiva ao ambiente clínico, uma vez que as manifestações dadas pela linguagem estão presentes em diferentes contextos (Rosa, 2004).

Em complemento, a metodologia do presente estudo possui como base os fundamentos da pesquisa documental, onde há a retomada do material selecionado para a retirada de dados informativos (Porto, 1990). A literatura como uma expressão artística da subjetividade humana ocupa o lugar de um meio de comunicação em massa, uma vez que se torna um produto caracterizado pela sua periodicidade e pelo seu conteúdo. Sendo o livro uma obra não periódica fictícia, a análise do discurso foi também selecionada para a realização da investigação com o propósito de se adequar à base de dados que será trabalhada, através do olhar psicanalítico ao redor da função da linguagem.

Procedimentos de coleta

O livro a ser analisado no presente trabalho foi escolhido em vista da dinâmica da relação erótico amorosa do romance narrado entre os protagonistas da história. A fim de selecionar uma obra que pudesse servir como objeto da investigação, em consonância com os objetivos determinados a priori acerca do sofrimento psíquico feminino nas relações amorosas diante da violência, buscou-se partir de uma produção literária que atravessasse aspectos subjetivos da posição ocupada por uma mulher vítima de violência.

Ainda, o livro também circunda questões acerca da objetificação da mulher que ocupa o lugar de amante, sendo reduzida a um mero meio pelo qual o homem obtém a sua satisfação

sexual. Uma vez que as personagens femininas representam bem essa dicotomização entre os lugares simbólicos que as mulheres podem ocupar dentro de uma relação heteronormativa, a obra consegue oferecer múltiplas possibilidades para explorar o sofrimento que coexiste dentro dessas mesmas identificações. Nesse sentido, a leitura da obra sob uma lente psicanalítica, consegue dialogar com a centralização da violência masculina manifestada pelo protagonista masculino, que dita o destino de mudanças triviais na vida das personagens femininas.

Portanto, a partir dos seguintes procedimentos, a narrativa do romance será recortada em três eixos principais que exploram diferentes facetas do sofrimento psíquico feminino: (i) investigar a temática do lugar simbólico de objeto na vivência da personagem Lucy, que apesar de não apresentar um sofrimento evidente durante a maior parte da história, tem a sua subjetividade atravessada pela perda precoce de seus pais, sentimentos de abandono e a necessidade de ser escolhida; (ii) abordar o luto materno, a violência doméstica e a posição simbólica na qual a protagonista, Dalva, se insere dentro de sua relação erótico-amorosa com o seu agressor, recortando o episódio principal do livro: a morte de seu filho pelo seu parceiro, Venâncio; (iii) analisar o denominador de gênero comum entre o percurso de Lucy e Dalva, em suas respectivas vivências erótico-amorosas, produtoras de angústia e anulação de si como sujeito no mundo, através da relação que cada uma estabelece com a sua demanda de amor/reconhecimento.

Procedimentos de análise

A investigação possui o intuito de elaborar uma interpretação psicanalítica, mediante os sentidos construídos no decorrer da narrativa do livro. Através das experiências das personagens, será realizada uma busca das múltiplas significações presentes na obra literária, que dialogam com o sofrimento psíquico feminino. Assim, a fim de acompanhar o percurso linguístico realizado para a elaboração da angústia e do desamparo expressos na narrativa, a análise do discurso irá propor o exercício de questionar as produções de sentido estabelecidas entre o sujeito e o seu campo simbólico, por meio daquilo que é dito ou não dito em sua vivência.

Capítulo I: Sobre gênero

No presente capítulo serão apresentadas as seguintes seções: 1.1) “Os efeitos dos discursos de gênero e as relações erótico-amorosas”, na qual será explorada a implicação de gênero dentro do discurso sócio-cultural e a sua relação com a posição simbólica do sujeito mulher; 1.2) “As marcas simbólicas do discurso”, em que se propõe um aprofundamento das estruturas clínicas do sujeito, a partir dos estudos de gênero contemporâneos em diálogo com a psicanálise.

1.1 Os efeitos dos discursos de gênero e as relações erótico-amorosas

De acordo com os debates contemporâneos de gênero, nota-se a presença de um compartilhamento de valores culturais fortemente ligados à equivalência entre a noção de ser mulher e a sua função simbólica do feminino (Muszkat, 2008). Em um primeiro movimento, ao investigar tal associação sob uma perspectiva construcionista, em oposição a esse sujeito feminino que é atravessado pelas implicações de ocupar uma posição passiva diante do outro, está o ser masculino aliado ao seu protagonismo social (Birman, 2001). Não obstante, uma vez que a masculinidade hegemônica opera como um dispositivo em constante manutenção, perpetua-se um ciclo no qual a mulher é ensinada a se colocar no mundo em espaços circunscritos por essa mesma ordem social.

Em paralelo a essa lógica, também entende-se que essa manutenção dos papéis sociais acarreta uma forma de desprezo compulsório da mulher com a sua própria libido, circunscrito ao ambiente privado dentro do sistema de dominação patriarcal (Gregori, 2003). A diferenciação binária entre o que se espera culturalmente de uma mulher e de um homem, portanto, presentifica-se como uma ferramenta a serviço do próprio sistema patriarcal, no qual apenas uma das partes pode, e deve, se registrar como sujeito na sociedade. Por consequência, através de uma análise foucaultiana de desnaturalização desses construtos sociais, a noção histórica de gênero é tida como um dos mecanismos do biopoder, ao exercer o controle possível dos corpos, de acordo com as normas civilizatórias.

A solidificação dessas mesmas configurações normativas, além de incentivar a ausência da inscrição da mulher como agente dominante do próprio corpo, também determina

os espaços simbólicos que irão de encontro com a sua qualidade feminina: a posição de objeto. Os impactos disso na contemporaneidade, revelam uma realidade preocupante e grave para o bem-estar psíquico da mulher, uma vez que, além de não ser vista pelo outro (masculino) como sujeito, também é marcada pelo discurso que a objetifica em todos os âmbitos do seu mundo real. Logo, sua existência só passa a ser validada quando esta corresponde com as expectativas ocidentais e culturais sobre o feminino: o cuidado, a maternidade, a castidade e a fragilidade.

Já em interlocução com o sofrimento do sujeito feminino diante da sua “pseudo-existência” na sexualidade, como defendido por Fredrickson e Roberts (1997), a teoria de objetificação do *self* marca a introjeção do corpo da mulher como um mero instrumento que está a serviço do homem. A problemática, nesse contexto, aponta para questões que podem se estender desde a apreensão identitária de sua imagem até a esfera da relação sexual com o outro masculino, implicando, outra vez, um fator desafiador para o seu reconhecimento como sujeito. As consequências psíquicas advindas da diferença colocada entre aquele que ocupa o lugar de sujeito, em oposição a um outro-objeto dentro da relação, são, ultimamente, efeitos dos discursos (Cassin, 2017).

Ainda, as contribuições de Winnicott (1988/1990) sobre a teoria das relações objetais traz que o adoecimento psíquico, revelado a partir dos sintomas, surge como efeito instintivo de uma posição de dependência experimentada na infância para com a mãe. A ambivalência da criança que já discerne uma mãe ambiente, que possui uma representação física e humana, à parte da mãe objeto, que se ausenta junto ao seio, sua fonte única e absoluta de nutrição e satisfação, dispara a primeira experiência de desamparo a partir da vivência indefinida dos afetos de ódio e amor em relação a um mesmo objeto/sujeito (Silva & Coelho Júnior, 2020).

A contradição dos afetos, sob essa ótica, não é vista como um fator necessariamente danoso ou patológico nas relações, visto que opera uma condição primária no reconhecimento da criança como um ser independente no mundo. No entanto, ao pôr em perspectiva essa mesma dualidade como sendo a possível gênese do adoecimento no entrosamento amoroso, revela-se que os afetos de ódio na violência direcionados ao sujeito amado, expõem uma postura infantil, no sentido modulador da existência, frente à ameaça do abandono e desamparo com a perda do objeto amado.

O desamparo despertado pela angústia, dessa forma, coloca o sujeito face a face com a sua própria falta e com a sua demanda de amor diante do outro. Ao manejar a tolerância do desprazer da angústia, o sujeito passa, necessariamente, por uma inscrição simbólica que postula a estrutura clínica dos mecanismos encontrados por ele. Em outras palavras, a forma como o sujeito irá manobrar o sentimento primário de angústia da falta e da sua própria incompletude, determinará o rastreamento clínico diagnóstico de sua posição frente ao mundo externo.

Em consonância com os estudos de Fink (2018), a avaliação diagnóstica da estrutura neurótica é caracterizada, fundamentalmente, pelo mecanismo do recalçamento, responsável por expelir do nível consciente o conteúdo vinculado às experiências primárias do sujeito, que estabelece uma cisão entre os pensamentos ligados a elas. Nesse sentido, diferentemente das outras estruturas, na neurose, a realidade só é admitida quando os pensamentos ligados à percepção do afeto são realocados para o inconsciente. Enquanto estes são impossibilitados de acesso à camada consciente, o sujeito passa a entrar em contato apenas com os vestígios de sua angústia primária: os sintomas.

A ideia recalçada, ao retornar em forma de sintomas e manifestações estranhas ao sujeito, irreconhecíveis em sua gênese, expressam um desejo inconsciente de exprimir o recalque. Além disso, a posição que o sujeito ocupa, em relação ao seu sintoma e desejo, também difere a direção do diagnóstico e do tratamento da neurose e pode ser classificada em fóbica, histérica ou neurótica obsessiva. A histeria, mais comumente associada à manifestação de sintomas físicos, pode ser reconhecida através das linhas gerais de como a pessoa sustenta a fantasia de ser o objeto necessário para o Outro se tornar completo. Assim, o sujeito se constitui não pela perda do objeto amado, mas pelo objeto que falta ao Outro, configurando uma posição de tentar reverter os efeitos da perda, atentando-se ao desejo do Outro.

O sintoma, por sua vez, carrega consigo uma divisão enigmática para o sujeito. Ainda que haja a tensão de não compreendê-lo dentro de sua neurose, ele se afirma como o meio de acesso fundamental do sujeito ao seu inconsciente. Isto é, o sintoma para o neurótico é o recurso mais próximo e familiar que o sujeito possui para entrar em contato com as exigências dessa divisão subjetiva que lhe é íntima e, ao mesmo tempo, estranha (Silva & Besset, 2010).

1.2 As marcas simbólicas do discurso na neurose

Como postulado na leitura psicanalítica lacaniana, o simbólico do sujeito é necessariamente formulado por esse Outro materno, que representa a primeira referência de um outro à parte de si (Fink, 2018). Logo, as relações simbólicas do sujeito com o mundo se dão a partir da forma como ele confronta o seu desejo e as idealizações designadas pelo Outro em direção a ele. A colocação das leituras de gênero, portanto, demarcam que, em vista das idealizações colocadas sobre o sujeito pelo Outro parental, o gênero representa um dos núcleos dessa lei simbólica que governa a criação identitária de cada um.

Em diálogo com os estudos de Butler (2003), esse lugar simbólico, inicialmente, parece se desvelar a partir do corpo/imagem que cada uma carrega. Tendo que os corpos são marcados por uma lei compulsória cultural, inquestionável e determinante diante dos seus atributos biológicos, a compreensão de gênero delimita uma definição categórica e identitária que esses mesmos corpos carregam passivamente. Portanto, a cultura na qual o sujeito constrói o seu entendimento acerca da sua imagem é capaz de determinar como ele também irá se colocar no mundo real, a partir dos significantes que atravessam o seu corpo para os outros que o determinam.

Nessa ordem, tanto o gênero feminino quanto o masculino possuem designações específicas acerca do modo como as normas do mundo externo se aplicam sobre os sujeitos. Em conformidade com a lógica judaico-cristã ocidental, as mulheres são marcadas pelo papel da feminilidade maternal e passiva, voltada para a sua imagem e sexualidade. Os homens, por outro lado, respondem ao modelo patriarcal através da constante afirmação de virilidade, força e capacidade de ser um provedor dentro do núcleo familiar, sustentando objeções aos atributos que não conferem um arcabouço qualitativamente masculino. Em ambos os casos, a moralidade que é imposta fomenta uma certa forma de castração do desejo do sujeito, visto que qualquer atividade incongruente com a postura binária, isto é, meninos identificados ao masculino e meninas ao feminino, é rechaçada e punida socialmente.

Ao se propor entender qual é a indagação comum entre os sujeitos perante a sua angústia com o enquadramento exercido diante do próprio desejo, a psicanálise propõe a questão do ser como um dos pilares das fantasias mais fundamentais. Enquanto o pensamento primário pondera o que a criança pensa das suas figuras parentais e o que é da ordem do

desejo deles sobre ela, inicia-se aqui a problemática existencial do choque entre os desejos. Ao mesmo tempo em que a criança busca corresponder ao desejo dos pais em suas projeções sobre como ela deve ser no mundo, ela realiza um movimento oposto em suas reflexões sobre o seu próprio desejo. Estes, quando não são congruentes entre si, batalham uma divisão dura e difícil na vivência do sujeito neurótico. Isto é, enquanto os seus desejos e a sua afirmação no mundo não corresponderem com o que lhe é esperado, o sujeito experimenta uma divisão cruel entre ter que abdicar de si ou do amor do Outro, agora ameaçado.

Nessa linha, entende-se que as marcas de gênero ocupam um lugar para além de uma conformação cega à normatividade social, pois se estendem a um nível profundo do sujeito em sua busca pelo afeto do Outro, ou em outras palavras, o desejo do Outro. Ainda em consonância com os estudos de Fink (2018), a neurose se caracteriza, então, pela fantasia fundamental do sujeito em relação ao seu lugar no desejo do Outro. Portanto, na leitura clínica, a única via de acesso que o sujeito possui para se diferenciar desse Outro é através das elaborações do eixo simbólico do sujeito. Somente dentro dele, há a possibilidade de compreender como as primeiras referências do sujeito como ser no mundo se configuraram.

Destacando o gênero como peça essencial e determinante na formação da subjetividade de cada um, compreende-se que as relações são atravessadas pela forma como o lugar do sujeito é delimitado a partir da sua autoimagem. Aprofundando mais acerca da experiência feminina, esse lugar feminino que é interpelado socialmente pelo masculino, vivencia um silenciamento acerca do próprio desejo, tendo em vista a ausência de permissividade para a sua expressão no mundo. Ao ter o seu desejo tamponado, como a sua posição existencial não implica um assujeitamento, a passividade mediante a censura, constrói uma forma de aprisionamento objetual. Isto é, a mulher ao ser identificada ao lugar feminino, passa a ser, necessariamente, um ser-objeto à parte de um sujeito.

Capítulo II: Sobre violência

Nesta seção será explorada como se dá a violência na configuração do mundo interno do sujeito que a vivencia. Na primeira parte: “A inscrição dos efeitos da violência no mundo psíquico”, será realizado o detalhamento de como a violência se registra como um trauma na vida do sujeito; enquanto na segunda, “O desamparo e o luto da perda do objeto amado”, será colocada a questão da angústia da pessoa violentada e o seu sentimento de luto diante da

perda da fantasia amorosa dentro dessa relação. Em paralelo, serão colocadas as teorias psicanalíticas que se aprofundam acerca das relações objetais e a demanda de amor do sujeito.

2.1 A inscrição dos efeitos da violência no mundo psíquico

A violência, ao se relacionar com a manifestação da agressividade, está indiretamente ligada aos conceitos pulsionais de vida e morte, segundo as postulações freudianas acerca da busca pela satisfação libidinal (Freud, 1930/2011). Esses impulsos agressivos, portanto, seriam constitutivos e naturais do eu, uma vez que o desejo por destruição não configuraria algo nocivo ao próprio ego, e sim uma forma de manter o sujeito em uma constante busca pelo próprio prazer, paradoxalmente diante da angústia do desamparo.

Em paralelo, a violência também é delimitada por influências culturais e sociais expressas em seu ato (Silva & Besset, 2010). Isto faz com que a leitura do contexto sociopolítico e cultural se mostre como uma ferramenta aliada à fidedignidade das análises que são realizadas sobre a temática da violência, visto que a estrutura cultural apresenta diferentes vulnerabilidades a depender de fatores como a classe econômica, a identificação racial e de gênero (Chauí, 2011). A partir dessa interpretação, entende-se que a violência deve ser marcada, necessariamente, pela vivência do sujeito e pela nomeação simbólica que ele realiza do ato. Concluindo, então, que a violência não deve ser padronizada para diferentes contextos culturais, devido às diferenças simbólicas dos atos.

Ao analisar a obra sob a perspectiva social brasileira, entende-se que a violência no cotidiano simbólico da mulher ocupa um lugar repetitivo e estrutural na sua constituição como sujeito. Sendo considerado um problema de saúde pública, de acordo com Sousa, Uchôa e Barreto (2024), a violência é contemplada como um fenômeno social de gênero que afeta diretamente a integridade física e o bem-estar psicológico da mulher. Portanto, a violência é capaz de acarretar múltiplas consequências psíquicas acerca da relação da mulher com o mundo e consigo, a partir dos papéis que lhe são atribuídos compulsoriamente pelo meio social.

Uma das respostas comuns do mundo interno do sujeito, em relação à violência que o ameaça, se dá através da instalação do trauma na sua estrutura psíquica. O trauma, nesse sentido, se configura como uma impossibilidade do sujeito de elaborar a dor da violência no

campo real (Lima & Werlang, 2011). A inscrição da subjetividade é suspendida da realidade pelo psiquismo do sujeito, que busca, então, evitar a ruptura do eu simbólico diante de uma dor insuportável. No entanto, entendendo que a intensidade da experiência da violência possui por efeito um excesso pulsional no psiquismo, o sujeito engaja em uma tendência à repetição desses atos, devido à ausência de sua circunscrição simbólica.

A repetição na violência se detém a perpetuar a dinâmica dentro das relações que o sujeito estabelece com o outro, mantendo-se de forma sintomática diante do seu próprio desamparo. Singularmente no meio amoroso, a mulher também enfrenta sentimentos angustiantes e antagonistas que vêm com a experiência de se relacionar com o agressor. O dilema enigmático acerca do desejo que faz o sujeito se manter nesse contexto, muitas vezes advém de uma camada inacessível dentro da sua própria neurose, ainda que ela se reconheça dentro de um ambiente violento no campo real. Nesse sentido, é na ausência de uma representação simbólica do afeto traumático que sintomatiza a vivência do sujeito.

Ao analisar o princípio do eixo simbólico na subjetividade do sujeito, é possível localizar o desvelamento da relação com o outro em sua demanda de amor. Como pontuado por Laplanche e Pontails (2001), as experiências infantis são o ponto de partida na constituição privada do sujeito e a maneira como ele lida com o desamparo e a própria falta. A partir do momento em que o infante se depara com o fato de que ele é totalmente dependente de um outro para satisfazer as suas necessidades, ele entende, fatalmente, que é por natureza um ser fadado à angústia do desamparo na ausência do outro. Tal conjuntura, possui por efeito uma estrutura que se correlaciona com os mecanismos vigentes na experiência do trauma, fazendo com que as vivências atuais de perdas e abandonos, reatualizem o protótipo do sofrimento infantil de desamparo.

Sob essa ótica, a violência reproduz o que pode ser denominado como uma marca sem nome. Ao se impor na realidade do sujeito, o fenômeno da violência dentro de uma relação amorosa simboliza uma perda muito intensa da idealização que se tinha diante daquela relação. Isto é, o desamparo que se concretiza no campo real perante uma dor insuportável, também se mantém como uma excitação irrepresentável, retornando assim em formato de sintomas e conflitos desfavoráveis para o bem-estar psicológico.

2.2 O desamparo e o luto da perda do objeto amado

Como defendido por Favero (2009), a ausência da capacidade de descarregar os afetos emergentes no momento do evento traumático, também denominada de ab-reação, ratifica o sentimento desprazeroso e angustiante do trauma. Essa repressão, por sua vez, compromete o senso homeostático psíquico do indivíduo, reafirmando esse afeto como um corpo estranho a ser resistido no inconsciente. A experiência da mulher vítima de violência dentro das relações amorosas, nesse sentido, pode tanto se inscrever ou resistir a ela dentro de seu mundo simbólico. No entanto, esse movimento de nomeação e reconhecimento da violência no campo amoroso, requer um trabalho desafiador de transfigurar fantasias e representações dessa relação, ainda distantes da consciência, para o campo daquilo que se repete no campo do real (Lima & Werlang, 2011).

Ao desmontar a fantasia amorosa, a mulher passa por uma espécie de luto perante as suas idealizações. Ao acessar as suas construções simbólicas acerca do que é o amor, o sujeito inicia uma elaboração de finitude perante aquela relação. Visto que o luto não implica necessariamente uma morte no campo real, o sujeito pode experimentar o sofrimento do luto perante a perda de qualquer objeto amado, seja ele uma relação, um ideal ou outro ponto de destino de seu afeto. Logo, a elaboração simbólica da perda requer um gasto energético difícil, visto que o sofrimento decorrente não é pela perda do objeto em si, e sim pelo desamparo diante da ausência daquilo que ele representava.

De acordo com Mendlowicz (2000), o primeiro movimento no luto presentifica o mecanismo de introjeção do objeto perdido, na tentativa de vitalizar o objeto morto. Nessa linha, o sujeito enlutado engaja na tentativa de presentificar o morto por meio da identificação com o objeto que se foi, ao materializá-lo simbolicamente como um morto-vivo dentro do sujeito. No entanto, ao não se curvar à realidade, o sujeito experiencia um forte sofrimento diante dessa vitalização que procura se unir ao objeto definitivamente perdido.

Ao interpolar o trauma e o luto no mesmo campo, entende-se que a experiência traumática pode ter como solução o mecanismo de clivagem que busca tamponar a angústia do sujeito frente a uma dor insuportável, similarmente à vitalização do objeto morto no enfrentamento ao luto (Mello & Herzog, 2009). Tendo que a característica inerente ao trauma é o desmentido, ou seja, o distanciamento completo da própria subjetividade do que foi

vivido, o sujeito falha em conseguir representar simbolicamente o ocorrido, a fim de suportar a violência. Nesse sentido, a clivagem exerce a função de não sucumbir ao desamparo que vem com a experiência da dor e decompõe o sujeito entre um eu que tudo sabe e nada sente e outro que sente e nada sabe (Ferenczi, 1990).

Na perspectiva ferencziana acerca das elaborações do luto, há também uma diferenciação significativa entre os mecanismos de introjeção e incorporação da perda. Enquanto no primeiro, a perda é preenchida por um alargamento egóico onde há a fusão do objeto com a instância psíquica do ego, característica de lutos transitórios e elaborados, o segundo se coloca junto à complicação fantasmática de tentar preservar o objeto dentro do sujeito, sem lidar com o significado real daquela perda.

O luto, quando caracterizado como complicado por sua natureza, é posto como um evitamento do sujeito frente à sua elaboração, isto é, há uma recusa do sujeito de lidar com a falta do objeto amado, pois este não quer se haver com as implicações existenciais do ser. Visto que a morte se configura como um destino inevitável, a ambivalência presente na neurose, que pode optar por evitar o sofrimento da separação é impossível no luto, uma vez que não existe uma negociação possível entre o estatuto morto ou vivo.

Também, assim como posto por Klein (1940), a dor do luto retoma uma posição depressiva primitiva da constituição psíquica na teoria das relações objetais. Visto que a primeira relação objetal do bebê se dá com o seio materno, sua única e total fonte de subsistência e satisfação, ele introjeta esse objeto parcial externo através de uma cisão entre o seio bom que o alimenta e um seio mau que se ausenta e o deixa com fome. Nessa fantasia, o recém nascido busca se incorporar o seio bom e se apartar do seio mau que ameaça destruí-lo.

Diante desse sentimento persecutório que advém do seio mau, é no processo de desmame que se dá a primeira experiência de luto, onde o bebê reorganiza sua percepção diante do seio materno, unificando as duas metades parciais em um único objeto inteiro, a mãe. Dessa forma, o medo da perda se instala por conta dos sentimentos pulsionais de destruição que antes eram direcionados unicamente ao seio mau, mas que agora ameaçam também o seio bom que lhe comparece.

Outra análise acerca da vivência da angústia pode ser explicada através do encontro do sujeito com o seu próprio desamparo, diante da interrupção da sua satisfação pulsional

(Besset, 2002). No caso das relações amorosas, tal rompimento com a posição libidinal, não estaria diretamente relacionado com a perda do objeto amado, e sim, com a posição do *ser amado* que antes ocupava. Nesse sentido, o sofrimento advindo da angústia, caracterizado por Freud (1920/1996) como um reação especial de desprazer a um estado de perigo reproduzido sempre que uma vivência dessa espécie se repete, possui uma ligação direta com o conteúdo recalçado.

Sobre a angústia, essa seria então, primeiramente, vivenciada pela criança perante o medo da castração, marcando por fim o despertar do sujeito para com a sua falta, sua inscrição simbólica na linguagem (Oliveira, 2011). Complementarmente, ao falar sobre o processo de subjetivação do sujeito, as diferenças de gênero implicam que a vivência da castração feminina, por ser atribuída à mãe, representa uma dupla falta fálica dentro do complexo edipiano, logo, há uma expectativa por parte da menina que a mãe possa trazer esse significante do corpo feminino, para que, então, essa possa elaborar o seu próprio eu. A castração, nesse sentido, sucede um processo denominado como estágio do espelho (Lacan, 1966), onde já há essa abrupta distinção entre Eu e o outro, ainda que seja apenas através do olhar desse outro que a criança possa se reconhecer como Eu.

Ainda retomando a angústia perante a falta fálica da menina, visto que há um temor de algo já ocorrido, a castração acaba se dissolvendo em um sofrimento premeditado pelo medo de não ser amada em sua completude. Portanto, frente ao desamparo, a angústia é vivida intensamente desde o seu reconhecimento como sujeito, até a sua busca por significantes que tragam sentido para a posição de mulher. Esse grande desconforto que aciona memórias e afetos recalçados, ainda, exerce a função de fundamentar a ação do indivíduo em sua existência como ser desejante, em busca daquilo que lhe falta.

2.3 Sobre o perdão

A filósofa e teórica política Hannah Arendt, ao debruçar-se sobre a temática da violência no contexto de crimes hediondos contra a humanidade, propôs a seguinte afirmação acerca do perdão:

“Os homens não são capazes de perdoar o que não podem punir, nem punir o imperdoável.” (Arendt, 2001, p. 253)

A categoria de crimes sem precedentes históricos contemplam um impasse na inscrição representativa dos limites morais para os sujeitos em sociedade. A impossibilidade de simbolizar algo sem a inscrição de um significado abre lacunas para o indivíduo exercer a liberdade de representar um sentido, como lhe for possível, dentro da sua própria subjetividade. Portanto, o campo do sujeito em relação a esse Outro, até então responsável por exercer a limitação moral diante do desejo, se encontra desprovido de uma lei maior que permita uma elaboração simbólica.

Entretanto, na esfera da moralidade simbólica, o conceito de perdão é atravessado por um importante fator social que o define: a religião. Uma vez que o surgimento da palavra está imbricado em uma lógica judaico-cristã acerca de outros significantes como o pecado, a misericórdia e o arrependimento, o perdão se vincula a uma ordem existencial da experiência humana, necessariamente subjetiva, à parte do campo real jurídico. Ainda, a lei desse Outro religioso também advoga a favor de uma justiça de redenção acerca do pecado, quando o sujeito se encontra em uma posição de arrependimento acerca de seu ato pecador.

Em momentos de forte desamparo no luto é comum que o sujeito inserido em uma cultura religiosa, procure afago em meios que vão além do mundo real e concreto. A crença, nesse sentido, simboliza uma forma de pulsão frente à falta de sentido simbólico. Nesse sentido, a mobilização da fé pode se organizar tanto para a vida quanto a morte, a depender da forma como o sujeito se coloca perante o momento que vivencia. Isto é, tanto a descrença em uma força maior, quanto a fé em recursos divinos, partem do núcleo libidinoso do sujeito.

Assim como postulado na obra freudiana *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1974), a civilização se organizou a partir de proibições fundamentadas entre algo sagrado e profano, com base no mito da horda primeva, também conhecida como a ordem exogâmica dos relacionamentos. Enquanto tal configuração ampara o que se conhece como a proibição do incesto nas relações humanas, a teoria edipiana correlaciona essa organização com os sentimentos ambivalentes de ódio e amor vividos pelo filho em relação à figura do pai e da mãe. No mesmo movimento, surge, então, o primeiro contato simbólico do sujeito com os sentimentos de culpa, ainda que sejam abstratos e complexos devido à natureza fantasiosa da construção primária.

Sendo a culpa um conceito amplamente explorado pela teoria psicanalítica, o entendimento acerca desse sentimento, enraizado em tal construção elementar, traduz a complexidade de elaboração da sua representação na estrutura psíquica. Uma vez que o sujeito busca reverter os efeitos afetivos da pulsão de destruição para com as suas figuras parentais, a demanda de amor toma lugar frente à ameaça de um abandono ou desamparo. A consistência do arrependimento, nesse sentido, produz a noção de uma eventual redenção do ato recriminado. Simbolicamente, no entanto, a representação que atravessa a noção do perdão no mundo externo, carrega um sentido religioso e sacro, tornando digno de perdão apenas o sujeito arrependido.

Em uma macro análise acerca da vivência de mulheres em situação de violência nas relações amorosas, as estatísticas acerca do recuo de medidas protetivas e/ou retomada da relação após boletins de ocorrência de episódios de violência doméstica, expõem um denominador comum. Uma vez que as construções acerca do amor são marcadas fortemente no reconhecimento existencial da mulher, sustentar a posição de objeto amado se mostra como, também, um recurso de se manter viva diante do reconhecimento narcísico. O desligamento da relação, produziria, dessa forma, uma angústia desorganizada e solitária, desamparada.

Portanto, o perdão surge na roupagem de um mecanismo que presta à existência de uma possibilidade de resiliência. Ainda que não haja um recurso concreto no mundo real do sujeito que possa afirmar o fim da violência, perdoar o ato é uma tentativa de resgatar um objeto morto (Mendlowicz, 2000). Uma tentativa de reacender a noção de um amor fantástico, onipotente e religioso, onde a lei jurídica não alcança. Por isso, a saída de emancipação da mulher se presentifica de forma dolorosa, uma vez que recuar diante das noções do amor, seria, também, abrir mão de seu reconhecimento no mundo.

Capítulo III: Resultados e discussões

Nessa seção serão discutidas as questões que se apresentaram a partir da interlocução entre a leitura do livro “Tudo é Rio” e as temáticas teóricas apresentadas. Dessa forma, os resultados se propõem a realizar uma interpretação de trechos da obra, sob a ótica psicanalítica dos tópicos da violência e o sofrimento feminino nas relações erótico-amorosas.

3.1 Significados da palavra puta

O livro inicia descrevendo uma das personagens centrais do romance, Lucy, através da sua característica mais marcante: ser *puta*. De acordo com Fernandes e Souza (2014), a palavra *puta* se define no contexto histórico-social brasileiro como uma mulher devassa, sensual, transgressora e sem moral. Estes sentidos estudados na linguística, implicam, necessariamente, um funcionamento discursivo cristalizado dentro da cultura, por meio da mobilização dos sujeitos que o compartilham e são atravessados pelas influências ideológicas presentes na linguagem.

Tal adjetivação, na introdução da história, busca esclarecer que o significado da palavra *puta* vai além da sua profissão. Ser *puta*, no contexto da obra, se refere ao modo como Lucy é simbolizada diante dos outros com os quais se relaciona. Esse modo, consonantemente à definição semântica da palavra, pode ser traduzido como uma pessoa irreverente, que não aceita negociar os seus desejos e vontades, assim como se exime de exercer qualquer forma de pudor em relação ao seu corpo.

“Trabalhava num puteiro, vivia num puteiro. Mas não era puta só por isso. Se só por isso fosse, podia outros nomes mais respeitosos, como meretriz ou prostituta. Era puta e pronto, que essa palavra, a seco, carrega um xingamento, que quem conhecia Lucy queria logo desabafar. Tinha um jeito baixo e arrogante de provocar todo mundo esfregando o sexo sem censuras, descobrindo os seios e atirando palavras cruas encharcadas de lama.” (Madeira, 2022, p. 11)

Em vista dos estudos de gênero de Pateman (1993) acerca da vida nas zonas de prostituição, uma mulher que comercializa o seu corpo implica, necessariamente, uma renúncia da sua satisfação no ato em prol do prazer do homem. No entanto, ao contrário de outras mulheres que dividem a profissão com Lucy na “Casa de Manu”, o puteiro da cidade, ela sente prazer em exercer a profissão, ganhar a vida por meio do próprio corpo e, principalmente, por esbanjar a sua satisfação com a vida que escolheu para os outros ao seu redor. Por isso, Lucy é categorizada como uma mulher de caráter ardiloso, diante da subversão do significado que as pessoas do seu convívio colocam à palavra *puta*, uma vez que se posiciona como uma pessoa que se contempla com o lugar simbólico que ocupa e se

opõe fortemente à culpa imbricada sobre uma mulher dentro da memória discursiva da palavra *puta*.

Mesmo que a utilização da linguagem dentro do contexto da personagem, estabeleça um lugar vulgar e pejorativo, onde uma mulher que por escolha profissional e/ou falta de pudor é colocada, a forma como Lucy se apropria do discurso que lhe foi imposto socialmente pode ser visto como revolucionário e transgressor. Ao se ocupar com o próprio prazer antes de colocá-lo a serviço de um outro, ainda que seja essa a premissa de sua profissão, a personagem confronta o protagonismo social e erótico do homem (Birman, 2001). Sua escolha de não renunciar ao próprio prazer, não apenas nas relações sexuais e profissionais, se estende a um posicionamento de apropriação do próprio corpo, sendo capaz assujeitá-lo perante a sua libido.

3.2 Posição objetual diante do Outro

Também, ao analisar o conflito dos afetos de Lucy, podemos reconhecer em suas fantasias e na sua relação com o Outro, como sendo típica da histeria. Ao passo de que Lucy sustenta uma posição neurótica, a relação que se estabelece entre o sujeito e o Outro é uma fantasia de que ela se constitui estruturalmente como o objeto que causa desejo e complementa o Outro. Nesse sentido, visto que a posição de objeto de Lucy só pode ser sustentada à medida que ela consegue ser a causa de desejo em suas relações, sentimentos conflituosos surgem quando ela se depara com esse outro que a nega, a tornando incapaz de superar os efeitos da sua separação no Outro.

“Quando ele se agarrou à recusa, e, Lucy, ao pavor de ser recusada...” (Madeira, 2022, p. 32)

“Mas dessa vez tinha sido diferente, dessa vez, junto com o corpo, tinha ela. A carne e as entranhas não foram sozinhas como de costume.” (Madeira, 2022, p. 147)

A estrutura da negação e da escolha do objeto amado, também pode ser vista na relação que se estabeleceu entre Lucy e o tio Brando, marido da irmã do pai, tia Duca. Em vista dos episódios descritos na obra, onde a personagem se engaja em se relacionar com homens mais velhos, uma estrutura semelhante se apresenta no componente intransponível das suas relações erótico-amorosas. Ao propor o desafio de provocar o desejo sexual em

homens mais velhos e casados, Lucy apresenta a estrutura de um sintoma reconhecido na estrutura neurótica.

“Queria era curvar os joelhos, ver aqueles sujeitos tomados pelo desejo, desesperados, pagando qualquer preço, só para poder decidir se os levaria ao inferno ou ao paraíso. Puta-deus, dona de destinos.” (Madeira, 2022, p. 47)

Por via dessa análise, a posição que Lucy sustenta durante toda a narrativa é uma noção irrefutável de que sua realidade concretize a sua fantasia de que o Outro, através da sua falta ou fraqueza em resistir às investidas sexuais de Lucy, reafirme a sua posição de objeto de satisfação. Em outras palavras, Lucy se nega a ser rejeitada e procura se colocar em situações arriscadas que lhe provém de que ela jamais será rejeitada.

“Por ser um homem tão direito, na cabeça de Lucy, era a prova de fogo que procurava, se ele não escapasse ninguém escaparia.” (Madeira, 2022, p. 53)

“Eu pratico o gozo e não o sofrimento, humilhava.” (Madeira, 2022, p. 11)

A prática do gozo, em oposição ao sofrimento no discurso de Lucy, traz vestígios de como se dá os seus mecanismos de evitamento do sentimento de angústia, que, por sua vez, pode ser associado à perda de seus pais em um período tão crucial do seu desenvolvimento. Segundo Winnicott (1988), a configuração do ambiente da criança implicaria suprir suficientemente as necessidades demandadas por ela, para que seja possível a ampliação da capacidade de se relacionar interpessoalmente e de se reconhecer como indivíduo. Uma vez que o acidente dos pais ocorre na narrativa da infância de Lucy, a perda e o luto são processados como uma fatalidade caótica, que a trai e a abandona.

“Pela primeira vez, eles desobedecem a insistência sofrida da filha.” (Madeira, 2022, p. 35)

Tendo que a trajetória da infância e adolescência de Lucy é marcada fortemente pelo desamparo decorrente da perda de ambos os pais na infância, seguido de uma mudança abrupta de seu lar, que impactou de forma definitiva como a personagem passou a se engajar com os limites que lhe foram impostos mais tarde. Na presença de seus pais, à Lucy não era negada qualquer forma de vontade.

“Duca nunca ia esquecer, embora não tivesse planos de vingança, das vezes em que viu Lucy tirar o chocolate das filhas sem que seu irmão desse à sobrinha alguma noção

do que fosse dividir. Oh! menina impossível, quando quer alguma coisa ninguém segura, falava orgulhoso o pai.” (Madeira, 2022, p. 36)

Ao possuir pais que sempre compareciam para atender os seus desejos, Lucy viveu uma infância que não abriu espaço para conhecer a falta/ausência de algo. Desconhecendo a angústia, sua primeira experiência de desamparo só se revelou em seu campo a partir do falecimento de ambos os pais, sendo essa a primeira e única vez em que lhe negaram algo, impossibilitando o acesso ao objeto que garantia sua satisfação (Freud, 1915/2004).

“No dia do enterro, não teve quem não sentisse dó vendo aquela menina ordenar aos pais que levantassem. Pela primeira vez, eles desobedecem à insistência sofrida da filha. Foi seu primeiro não intransponível. Sem saber, ela jurou que seria o último.” (Madeira, 2022, p. 35)

A descrição do seu primeiro “não intransponível”, algo incapaz de ser superado ou coagido, como a morte dos seus pais e o pedido de Lucy para que eles levantassem, apresenta uma interrupção importante de sua satisfação, em um período ainda muito precoce de amadurecimento. A perda desse elo inicial, segundo as postulações da sexualidade infantil de Freud (1915/2004), revela-se posteriormente na busca por esse objeto amado capaz de satisfazer as minhas vontades e comparecer no lugar do objeto perdido. Essa tendência à repetição, portanto, expressa o retorno do recalcado, configurando a temática central da obra, que é a escolha de Lucy por Venâncio, um dos únicos homens que também lhe negou.

“Quando Lucy se obcecou por Venâncio, não sabia nada dele. Nem quem ele era, nem de onde vinha, nem se tinha mulher ou família. Não importava. Para ela a história de Venâncio começava ali, no dia em que botou o querer nele, ele nasceu.” (Madeira, 2022, p. 31)

A partir da lógica da personagem, mesmo que o seu corpo esteja ocupando um lugar objetual na relação erótica, ela afirma o protagonismo dentro da cena, sendo o ponto de partida (excitação, causa de desejo), meio (corpo, sexo) e fim (gozo, recompensa monetária, ser desejada). Esse lugar de causa do desejo do outro, no entanto, é colocado de forma explícita no decorrer da obra em diversos trechos em que o corpo de Lucy é descrito como um elemento central em sua vida.

“Quer vida mais fácil do que a minha, uma puta que gosta de dar?” (Madeira, 2022, p. 12)

Em contrapartida, também há uma dualidade presente no seu protagonismo sexual sob a ótica da repetição estrutural da teoria de objetificação do self de Fredrickson e Roberts (1997), visto que a personagem processa a sua imagem e o seu corpo como componentes desejanter para o outro masculino com o qual ela se relaciona. Portanto, é possível rastrear em seu discurso, uma contradição entre o seu protagonismo sexual, que mascara e tampona a sua busca de atender ao desejo do outro.

“Pela primeira vez, eles desobedecem à insistência sofrida da filha.” (Madeira, 2022, p. 35)

No fechamento da obra, a partir do momento em que Venâncio decide se relacionar com Lucy, a personagem chega a fantasiar com essa posição de objeto amado, que durante toda a narrativa falhou em conquistar. Como efeito, o movimento que se percebe em Lucy é uma concretização de um desejo de “final feliz” que antes não era visto como possibilidade em seu mundo simbólico de mulher-puta.

“Fantasiou final feliz, romancear o improvável, negou tudo o que sabia e foi subindo alto preparando um belo tombo. Era o abandono de uma vida inteira que cobrava sua conta, impunha seu ponto de vista cego.” (Madeira, 2022, p. 149)

No entanto, o sofrimento que se segue no momento em que ela se depara com a quebra dessa fantasia, após a reação de Venâncio com a sua gravidez, Lucy vivencia um forte sofrimento pela ameaça da perda desse lugar de objeto amado que antes fantasiou ocupar, e que lhe era particularmente difícil devido às suas relações familiares.

“Lucy testemunhava sem reação, sentia ainda Venâncio torturando seus braços, a dor gritava nos ossos como se tivessem sido triturados, o sangue escorria, mas era a expressão desvairada no rosto dele, quando soube da gravidez, que doía mais.” (Madeira, 2022, p. 152)

3.3 Mulheres-beatas não são mulheres-putas

O romance já introduz no primeiro capítulo outros dois personagens centrais, Dalva e Venâncio, que compõem a relação triangular com Lucy. Em um primeiro momento, o livro demarca uma distinção entre os lugares ocupados por Lucy e Dalva dentro do significante “mulher”. A colocação de Lucy como puta, se refere a um enquadramento de valores acerca de como essa lida com o corpo e o próprio prazer. Por outro lado, Dalva é descrita como uma

mulher-beata, que ocupa um lugar de cunho religioso e digno, com o qual pode ser associado a uma implicação de castidade e pureza, oposta à Lucy.

“Putas e beatas não se entendiam nem por princípios, nem pelos fins. Para as putas, basta a Deus um coração puro, outras partes podem ser lambuzadas. Para as beatas, qualquer lambança no corpo contamina o coração. Uma guerra santa e encorpada.”
(Madeira, 2022, p. 27)

Na obra “Tudo é rio”, ainda que a questão de gênero não seja posta como foco da narrativa, é possível notar que há um atravessamento distinto entre as personagens principais Lucy e Dalva. Assim como Butler (2003) já havia defendido, a categoria mulher como um conceito sólido compartilhado dentro da cultura, não deve se isentar das intersecções que a dividem diante do patriarcado. Em outros termos, a posição das mulheres, ainda que seja problematizada a partir das reivindicações dos estudos de gênero, ela deve ser lida e analisada através de um olhar crítico que visibilize as diferenças entre diferentes mulheres, seja por sua raça, classe social, sexualidade ou identificação identitária.

Em vista do contexto brasileiro, sob o qual a obra é escrita, as personagens também representam efeitos da produção cultural e política acerca do lugar feminino. De forma evidente, o lugar de mulher que Lucy ocupa é abruptamente distante do lugar de Dalva, uma vez que estes carregam insígnias opostas fundamentais na moralidade judaico-cristã, também presente na obra. Enquanto a questão existencial cristã postula uma dualidade categórica bem delimitada, como o bem e o mal, a santa e a prostituta, estas representações também atualizam as influências sociais que rotulam esses sujeitos do inconsciente em seu lugar de “ser mulher” (Demes, Chatelard & Celes, 2011).

Enquanto a personagem Dalva, diferentemente de Lucy, é colocada na narrativa a partir de sua relação com o Venâncio, ela carrega todas as representações de um lugar da feminilidade santificado e puritano. A partir do momento em que ela é colocada na narrativa, o seu lugar é descrito a partir da perspectiva de um outro que a define, seus pais ou Venâncio, sem margem para expor os ensejos da personagem à parte do seu interesse romântico.

“Reconheceu Dalva no instante em que olhou para ela. A menina magrela do olho grande, que não podia ver um bicho sofrendo na rua que levava para casa.” (Madeira, 2022, p. 82)

“Venâncio ficava impressionado como tudo acontecia sem solavanco. Dalva era leve.”
(Madeira, 2022, p. 82)

A maternidade associada à Dalva também representa mais um atributo inerente ao lugar feminino de mulheres-beatas que ocupa. Em paralelo, fica evidente na narrativa que o significante de “ser mulher” dentro da família de Dalva, sua primeira referência de como ser no mundo, é atravessado por uma posição de subserviência diferente das que os homens ocupam. Aurora, mãe de Dalva, impõe às filhas o árduo trabalho de carregar o tabuleiro com as empadas que colocam à venda, porém não atribui a mesma função para os seus filhos. Ainda que tal diferenciação seja questionada na narrativa pelas mulheres da família, Aurora sustenta uma posição que não abre espaço para questionamentos ou diálogos, reafirmando, assim, a associação inerente à posição existencial feminina de passividade dentro das relações.

“Não é justo, por que os meninos nunca vão Se abriam a boca para reclamar, Aurora registrava em silêncio a pirraça e no dia seguinte entregava o tabuleiro novamente para a insatisfeita da véspera: Vai lá, meu bem, ontem você não foi feliz, quem sabe hoje as coisas melhoram. Queriam morrer nessas horas, mas acabaram aprendendo que sabedoria mesmo era nunca reclamar.” (Madeira, 2022, p. 71)

A partir do trecho na narrativa, também é colocado em perspectiva o significante de morte, através de um recurso hiperbólico que reitera a posição de desejo velado nas mulheres da família de Dalva. Assim como defendido por Kilomba (2019), o sujeito que é oprimido, vê-se condenado à posição subalterna de não possuir uma voz digna de ser escutada ou compreendida, por ser proferida pela boca de um sujeito não dominante, nesse caso, o sujeito mulher. Portanto, Dalva passa a ser marcada por um discurso, no qual é mais conveniente para o seu bem-estar calar-se diante das injustiças, do que tentar expressar o seu desejo e o seu inconformismo.

Já o lugar de mulher ocupado por Lucy, mesmo que seja atravessado pelo mesmo conjunto simbólico cultural, sua história de vida reescreve uma moralidade diferente. Ao passo de que Lucy decide pela vida da prostituição e se satisfaz através do seu discurso de liberdade sexual, ela também reafirma para si e para os outros o seu inconformismo com os preceitos de puritanismo cristão que pode estar associado ao ódio que sentia com a personagem tia Duca.

“Não reconhecia nenhum amor ali, e a saudade dos pais machucava. Ao mesmo tempo, foi alimentando um rancor pela tia e um ódio por tudo que ela acreditava. Muito asseio, muita igreja, muito obrigada, muito por favor, muita decência.” (Madeira, 2022, p. 37)

Ao passo de que a irmã do pai, tia Duca, impôs-se na vida de Lucy muito cedo por conta da morte trágica de seus pais, a relação que se estabelece entre as duas se mostra insuficiente para Lucy devido ao seu luto. Quando ela se vê incapaz de ocupar um lugar de objeto amado diante da nova vida sem os pais, ela acaba experienciando uma constante reafirmação de que esta posição não irá mais lhe comparecer da forma como conhecia.

“E se a obediência era distribuída por igual, o olhar carinhoso e o colo quente eram para Cleia e Valéria em quantidades mais generosas e sinceras. Não era por maldade. Duca se esforçava para incluir Lucy nessa intimidade, mas era como uma caridade penitente. Lucy sentia um ranço de esmola naquela bondade.” (Madeira, 2022, p. 36)

O lugar de “ser mulher” que Lucy passa a se identificar, nesse sentido, se opõe a tudo que a tia acredita e defende, principalmente, a moralidade cristã. Enquanto a tia Duca carrega a representação de uma mulher-beata, Lucy busca dar vazão aos seus impulsos sexuais desde muito cedo, opondo-se fortemente à defesa do que é visto como decente e casto. Portanto, Lucy passa a criar uma identificação com o lugar de mulher-puta ao planejar o seu rompimento com a família da tia e tudo que ela representava. A personagem Lucy, a partir desse momento na narrativa, busca não só um rompimento, mas também uma forma de morte da identidade que carregava na vida da família de sua tia, um rompimento definitivo com o lugar de objeto rejeitado/negado, carente de amor.

“Lucy teve certeza de como ferir tia Duca. Antes de mais nada, teve certeza de que era isso que queria fazer. O imperdoável, o rompimento irreversível. Nada a ser dito. Uma espécie de morte.” (Madeira, 2022, p. 39)

3.4 O sofrimento a partir da violência

O trauma experienciado pela personagem Dalva, diretamente ligado à violência vivida com Venâncio, é circunscrito, primordialmente, através do luto de seu filho. Os efeitos da sua

constante negação da separação pode-se ver presente no luto vivido por Dalva, que se vê sem reação diante do ocorrido.

“Dor.” (Madeira, 2022, p. 23)

Na narrativa da obra, a resposta de Dalva perante a violência e a morte do filho é veementemente marcada por um estado de impotência muito importante, podendo também ser caracterizado como clivagem. Diante da questão existencial que se impõe na vida de Dalva, a partir da clivagem, o que se segue, ao fugir da dor, é um estado profundo de apatia e desconexão afetiva com relação ao mundo. À medida que o mundo psíquico é constituído pela relação entre os objetos (sujeito/objeto), o mundo externo também o forma e é formado por ele concomitantemente. A partir dessa lógica, há o entendimento de que quando há a perda do objeto amado, todos os objetos bons introjetados também se vão, restando, pois, apenas os objetos maus no seu mundo interno (Klein, 1940). Esses sentimentos que reativam a posição depressiva do bebê em relação ao seio da mãe são partes constituintes da fantasia do sujeito, onde a perda real do objeto aniquila o acervo simbólico do sujeito que se constituiu a partir dele

“No dia em que Venâncio arrancou o filho dos seus braços quentes e o atirou longe, ela conheceu a dor desumana de perder tudo. Perdeu o homem que amava, o filho que amava e a fé.” (Madeira, 2022, p. 67)

O luto experienciado pela personagem, dessa forma, configura não apenas a perda do filho recém nascido, mas também a perda do lugar simbólico que Venâncio ocupava em sua vida e um outro pilar importante em sua vida, a fé. Em outras palavras, Dalva passa por um luto de vida, onde seu campo real concretiza, através da violência, uma cisão entre os conceitos presentes em seu registro simbólico. Portanto, a figura que antes atribuía ao “homem que amava” passa a ser também a carregar os significantes do homem que lhe agrediu e matou o seu filho.

“Nas primeiras semanas, Dalva não comia, não bebia, não acendia a luz, morria um pouco a cada dia.” (Madeira, 2022, p. 25)

“Continuou viva. Morrer teria sido um gesto de bondade, morta perdoaria Deus. Queria a inconsciência, não mais saber, não ter visto, não ter vivido.” (Madeira, 2022, p. 67)

Em múltiplos momentos da obra, a imagem do seio é utilizada de forma emblemática para representar a temática libidinal que advém através das relações objetais. Enquanto este é sexualizado/erotizado em diversos momentos, a narrativa também coloca o seio como uma das construções simbólicas de vida/morte, como na cena em que Dalva amamenta o seu filho.

“A boca do neném buscava ansiosa o peito farto e úmido querendo sugar, engolir e ainda tão sem saber.” (Madeira, 2022, p. 21)

Assim como o seio proporciona o imagético da vida e do ato de amamentar a partir do eixo em torno da gravidez de Dalva, o leite como uma secreção consequente é outro exemplo metafórico utilizado para representar a pulsão libidinal. Assim como o “rio”, o “sangue”, o “sêmen” e as “lágrimas”, a escolha criativa e poética de significantes buscou colocar em perspectiva o desejo e a pulsão libidinal dos personagens dentro de suas divisões subjetivas. O conflito da ordem do desejo presente na narrativa se dá em vários momentos que envolvem diretamente a face incerta do destino das personagens quando dão vazão aos seus desejos e escolhas.

“Queriam ser levados por um vento que arrasta tudo, uma enxurrada desvairada, indo parar num gozo sem igual.” (Madeira, 2022, p. 55)

“Nesse momento, quando um viu o outro, uma desorganização abundante tomou conta deles, os corpos tencionaram afetados por ondas mágicas, ventanias, litros derramados.” (Madeira, 2022, p. 78)

3.5 Perdoar o imperdoável

Na análise da obra, além de assinalar vários trechos religiosos que dialogam diretamente com figuras onipotentes, as personagens depositam o rumo de suas vidas em uma concepção de crença em um plano maior ou divino. Esta crença é retratada em múltiplas passagens na carta de Aurora para a sua filha Dalva:

“Dalva minha filha, é difícil imaginar que tudo isso que você está passando seja da vontade de Deus. O problema não é Deus, é o que inventamos Dele. As pessoas têm certeza demais sobre as vontades de Deus, acho até que algumas criaram Deus em vez de terem sido criadas por Ele. Deus não é de pensar, é de sentir. É um colo de braços fortes e delicados, ninando a gente num mar furioso, esquentando seu coração nesse colo,

respira com Ele. Deus não é um lugar de certeza, é só um pouco de esperança.”
(Madeira, 2022, p. 137)

No momento em que a carta é posta na narrativa, Aurora está em busca de palavras que possam trazer algum conforto à filha enlutada. Diante da falta de perspectiva de vida, ao assistir Dalva encarnar o objeto perdido, Aurora busca transmitir a crença em alguma forma de esperança nesse Outro religioso (Freud, 1913/1974). Entretanto, a leitura feita da violência expõe um forte contraponto dentro da própria fé defendida por Aurora, dado que tragédias como a morte de um filho não vão de encontro com o ciclo esperado da vida, nem com a crença das vontades de um ser divino e bondoso, assim como a violência de Venâncio é incongruente com a concepção acerca do amor de um pai e marido dentro da família.

Ao analisar o desvelamento da trama do episódio de violência perpetrado por Venâncio com o seu filho e Dalva, nota-se um dilema de sobrevivência na vida do sujeito feminino. Enquanto Dalva passa boa parte da obra em uma posição inativa diante do trauma da violência que vivenciou, ela também sustenta uma posição de tentar punir, dentro do possível, o imperdoável.

“Dalva ficou, mastigou aquela dor e se alimentou dela. Não podia deixar de lembrar a Venâncio, todos os dias, todas as noites, todas as estações do ano, que ele havia morrido para ela quando matou o amor deles.” (Madeira, 2022, p. 133)

Ainda que estivesse vivendo o luto do próprio filho e a morte do ideal que tinha sobre Venâncio, Dalva, até então, se fixou em uma posição aversiva ao marido. Defendia, assim, que o que foi feito, não teria retorno possível. Assim como já estava marcado em seu discurso simbólico, a ideia do amor possuía fronteiras categóricas e concretas para Dalva, não sendo congruente ou imaginável a possibilidade de uma redenção sobre o que foi feito.

“Levou o chão com ela. No coração de Venâncio, o desespero se instalou ríspido ao ver que ela desaparecia. Não haveria perdão, não haveria alívio. Se arrependeu de não ter feito a faca rasgar o seu pescoço acabando de vez com o pesadelo de viver sem saída;” (Madeira, 2022, p. 151)

À medida que o arco dos filhos de Dalva e de Lucy, Vicente e João, tomam conta do rumo da narrativa, Venâncio passa a engajar em tentativas de demonstrar seu arrependimento, marcado pelo sofrimento da culpa. O sentimento de culpa, nesse rumo, também dialoga com

o histórico primário infantil do mundo psíquico de Venâncio com o seu pai, uma vez que ele passa a se identificar com o mesmo significante que atribuía a Seu José: violento.

“Tinha vergonha da brutalidade dele. Muitas vezes quis que o pai desaparecesse. Sofria a insuportável saudade de ter um pai que nunca teve. Com o tempo, a vida dos dois juntos foi ficando perigosa, um ódio lento endurecia tudo, tinha vontade de machucar o pai.” (Madeira, 2022, p. 75)

“No dia em que atacou o filho, Venâncio fez aquele mesmo caminho acompanhado também pela loucura. Sentiu muita raiva de si mesmo. Lembrou da primeira vez que odiou seu pai.” (Madeira, 2022, p. 142)

Enquanto o movimento de Dalva no encerramento da narrativa toma um rumo inesperado, ao se deparar com a vida, ou ressurreição, de seu filho, Vicente, a personagem encontra recursos para voltar à vida, sustentando-se na posição feminina de nutrir uma família. O dano irreparável da morte do filho, ao se mostrar ausente no campo real com a vida de Vicente, representou, por fim, o motivo crucial do perdão de Dalva com Venâncio.

“Não estava com medo da reação de Venâncio, enfrentaria as consequências do que foi possível para ela. Sentiu por não ter feito isso antes. Perdeu tempo demais ruminando tudo aquilo, mantendo a alma encardida, cheia de nódoas. Foi imprudente em não arriscar.” (Madeira, 2022, p. 199)

A posição de Dalva frente à violência, avaliada com certa relutância por muitos leitores da obra, é um retrato fiel da realidade de muitas mulheres que vivenciam a violência doméstica. Atravessada não só pelos significantes maternos e amorosos, Dalva representa como a posição feminina é escrita e afirmada em um lugar misericordioso e santo, que deve exercer a compaixão religiosa passiva, ainda que tal posicionamento possa vulnerabilizar a própria vida. Em última instância, o perdão, mesmo estando a serviço de uma finalidade fantasiosa, caracteriza um recurso comum de sobrevivência simbólica diante do sujeito vítima de violência.

“E, sem se desviar um do outro, Venâncio ouviu Dalva dizer: Vicente, esse é o seu pai.” (Madeira, 2022, p. 206)

“Chega, não quero mais mastigar esse rancor, cuspo, quero ser condenado à morte, me matem, mas, se me deixarem vivo, quero meu próprio perdão, pelo menos isto: ser

perdoado por mim mesmo. Entendeu? Eu me perdoou. Gritou: eu me perdoou.” (Madeira, 2022, p. 205)

Considerações finais

Identificar e investigar o sofrimento psíquico que compõe a posição feminina no meio sociocultural afirma uma realidade estruturante da subjetividade coletiva. A vulnerabilidade que perpassa a existência da mulher, seja na esfera familiar, amorosa, social ou profissional, representa uma cena desafiadora e angustiante na relação possível com o mundo externo. A problematização da inequidade de gênero dentro do processo de assujeitamento social, nesse sentido, busca despertar a mobilização de diálogos possíveis com a Psicanálise em sua leitura clínica sobre a configuração do sofrimento psíquico.

Tendo em vista a extensão da obra e a proposta do estudo, a análise pôde abarcar apenas recortes específicos da narrativa, a fim de contemplar o tema de acordo com os objetivos da investigação. Mesmo diante da riqueza de possibilidades interpretativas acerca das questões abordadas no romance, nem todos os personagens puderam ser integralmente contemplados. Portanto, em perspectiva do sofrimento psíquico feminino, a análise de outros arcos foram deixados de lado para privilegiar um aprofundamento acerca das personagens femininas, Lucy e Dalva.

Nesse sentido, a pesquisa possui limitações tanto em relação ao procedimento de coleta, quanto sobre o método de análise escolhido. Uma vez que a análise do discurso é estruturada em cima dos pressupostos da leitura da discursivização, os resultados alcançados são consequência de ramificações intepretativas e subjetivas da pesquisadora, à vista de uma amostra não randomizada. O estudo do discurso, assim, ainda que não possa ser generalizado para diferentes contextos, incide sobre a perspectiva da não dogmatização do pensamento científico, principalmente, sobre o estudo dos fenômenos sociais (Foucault, 2008).

Em conclusão, o ato de analisar uma obra literária em suas múltiplas contingências permitiu ao estudo o vislumbre de uma conexão ímpar entre a literatura e a vida psíquica. A literatura, nesse sentido, é um lugar privilegiado para a representação do mundo psíquico, a partir da liberdade criativa sobre o uso da palavra e do recurso semântico no ambiente

simbólico dos sujeitos. Por isso, os resultados do estudo evidenciam que a interlocução entre o campo da psicanálise e o da literatura contribui fortemente para o futuro científico acadêmico das elaborações teóricas, assim como para a compreensão sociopolítica dos fenômenos sociais que permeiam o mundo interno dos indivíduos em suas divisões subjetivas.

Referências

- Araújo, M. F. (2008). Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. *Psicologia para América Latina*, (14).
- Arendt, H. (2001). *A condição humana* (R. Raposo, Trad.). Rio de Janeiro: Forense.
- Batista, E. (2004). A pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica. *Psicologia USP*, 15(1-2), 71–80.
- Besset, V. L. (2002). Angústia e desamparo. *Revista Subjetividades*, 2(2), 203–215.
- Birman, J. (2001). Gramáticas do erotismo: A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (1990/2003). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (Trad. Renato Aguiar). Civilização Brasileira.
- Caffé, M. (2022). Psicanálise e violência social de gênero. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 25, n. 03. pp.578-596.
- Câmara Legislativa do Distrito Federal. (2023). *CLDF realiza sessão solene para debater violência doméstica e políticas afirmativas*.
- Canguilhem, G. (1977). Ideologia e racionalidade nas ciências da vida. Tradução Emília Piedade. Lisboa: Edição 70.
- Cassin, B. (2017). Jacques, o sofista: Lacan, logos e psicanálise. Autêntica.
- Chauí, M. (2011). Ética e violência no Brasil. *Revista Bioethikos*, 5(4), 378-383.
- Demes, J. R., Chatelard, D. S. & Celes, L. A. M. (2011). O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(2), 645-667.
- Ferenczi, S. (1990). Diário clínico. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932).
- Fernandes, F. S. & Souza, O. M. (2014). De Puta Às Profissionais Do Sexo: Uma Memória Da Língua. *EntreLetras*, 4(2).
- Fink, B. (2018). Introdução clínica à psicanálise lacaniana. Rio de Janeiro: Zahar.
- Foucault, M. (2008). Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. Ditos e escritos, v. 2. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense universitária.
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. (1997). Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly*, 21, de: 173206, 1997.
- Freud, S. (1915). Pulsão e destinos da pulsão. In *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. I.
- Freud, S. (1920). Além do Princípio de Prazer. In: *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-17.

- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2011.
- Freud, S. (1974). Totem e tabu. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.13, pp.11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Gregolin, M. do R. V. (2001). A análise do discurso: conceitos e aplicações. *ALFA: Revista De Linguística*, 39.
- Gregori, M. F. (2003). Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*, (20), 87–120.
- Guerra, V. M. L. (2016). A Análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. *Anais do Sciencecult*, 1(1).
- Kilomba, G. (2019). Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Klein, M. (1940). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Obras Completas de Melanie Klein. Vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Lacan, J. (1966). Diretrizes para um Congresso sobre sexualidade feminina. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.
- Lima, G. Q. de. & Werlang, B. S. G. (2011). Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. *Psicologia Em Estudo*, 16(4), 511–520.
- Mello, R. & Herzog, R. (2009). Trauma, clivagem e anestesia: uma perspectiva ferenciana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(3), 68-74.
- Mendlowicz, E. (2000). O luto e seus destinos. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 3(2), 87–96.
- Muszkat, S. (2008). Desamparo e violência de gênero: uma formulação. *Ide*, 31(47), 125-132.
- Oliveira, C. R. (2011). Desamparo e feminilidade : a via de Clarice. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Oliveira, R. R. (1998). O inconsciente e a cultura. *Revista Carrossel*, Salvador, ano II, n. 2, abr.
- Orlandi, E. P. (1997). Gestos de Leitura: da história no discurso. 2. ed. Campinas: Pontes/Unicamp.
- Pateman, C. (1993). O Contrato Sexual. Traduzido por Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Porto, G. (1990). Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental E Busca De Informação. *Estudos De Psicologia*, 7(1), 05–30.
- Rey, F. G. (1998). Curso de Metodologia Científica em Psicologia. Palestras realizadas no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Subjetividades*, 4(2), 329-348.
- Secretaria de Segurança Pública. (2023). *Violência contra a mulher*.
- Silva, J. N. & Besset, V. L. (2010). Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer? *Revista de Psicologia*. 2012, v. 22, n. 2, pp. 323-336.
- Silva, S. G. da. & Coelho Junior, N. E. (2020). Para uma nova etiologia das neuroses: notas a partir da teoria das relações objetais de Donald W. Winnicott. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 27(2), 479-505.

- Sousa, R. de V., Uchôa, A. M. de V. & Barreto, M. R. N. (2024). Fontes de informação sobre a violência contra a mulher no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, 147(2), e-6628376.
- Todorov, T. (2006). *As estruturas narrativas* (4a ed). São Paulo: Perspectiva.
- Winnicott, D.W. (1988). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.